

O PORTUGUÊS BRASILEIRO E O INFINITIVO FLEXIONADO

CESAR TRINDADE DE OLIVEIRA¹
NATHALY GUATURA DA SILVA²
OTÁVIO TADEU ALVES PEREIRA³
PATRICK SILVA DE MATTOS⁴
PAULA FERNANDA EICK CARDOSO⁵

¹Universidade Federal de Pelotas – cesaroliveira303@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – nathalyguatura@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – pereiraotavioalves@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – patrickdemattos87@hotmail.com

⁵Universidade Federal de Pelotas – paulaeick@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho discutirá o emprego do infinitivo flexionado no português brasileiro e está vinculado à área de Linguística. Segundo importantes linguistas brasileiros – FIGUEIREDO SILVA (1996) e PERINI (2006) –, uma das propriedades mais marcantes do português é a possibilidade de seus verbos infinitivos apresentarem marcas visíveis de concordância de pessoa e de número, o que é chamado de “infinitivo pessoal” pelas gramáticas tradicionais. As construções com infinitivo flexionado são próprias do português, pois não há similar em outras línguas românicas. Explicitar os contextos em que o infinitivo flexionado pode aparecer tem sido uma tarefa bastante árdua. Pretendemos, portanto, contribuir para essa discussão com a análise do fenômeno em textos produzidos por candidatos ao vestibular da Ufpel.

Embora o português brasileiro tenha sofrido uma simplificação no paradigma verbal, possui ainda o morfema crucial de plural sobre o infinitivo, o que nos permite chamá-lo infinitivo flexionado. As estruturas infinitivas com sujeito lexical são bastante utilizadas na linguagem falada, como, por exemplo, “Eu vi os bebês dormirem”.

Perini afirma que as construções com infinitivo flexionado constituem um enigma até hoje não satisfatoriamente analisado. Para este autor, é necessário notar, em primeiro lugar, que as possibilidades de ocorrência do infinitivo flexionado dependem de traços (semânticos e sintáticos) do verbo principal, isto é, do verbo que ocupa o núcleo da oração que imediatamente contém a oração infinitiva. Com verbos do tipo de **querer**, por exemplo, o infinitivo flexionado é impossível, como “*Eles queriam muito vencerem o jogo”¹.

Figueiredo Silva fala também em predicados que não aceitam nem sujeito lexical nem infinitivo flexionado na frase encaixada, como por exemplo:

- os verbos aspectuais:

Eles pararam de fumar

Eles começaram a beber

Eles conseguiram fazer isso a tempo

*Eles pararam de fumarem

*Eles começaram a beberem

*Eles conseguiram fazerem isso a tempo

- o verbo auxiliar **ir**, mas também outros verbos de “movimento”, como **vir** ou **correr**:

Eles vão viajar amanhã

*Eles vão viajarem amanhã

¹ Utilizamos o asterisco para indicar a agramaticalidade da frase.

Eles vieram buscar a Maria
Eles correram chamar a Maria

*Eles vieram buscarem a Maria
*Eles correram chamarem a Maria

- verbos modais
Eles podem sair
Eles têm que sair

*Eles podem saírem
*Eles têm que saírem

Por outro lado, há verbos, como **lamentar**, que aceitam o infinitivo flexionado na oração encaixada. Observemos o seguinte exemplo “Eles lamentam muito estarmos desempregados”.

Perini divide, então, os verbos em três grupos. No primeiro grupo, estão os verbos que admitem uma estrutura com infinitivo flexionado na oração encaixada, como “Maria achou uma pena termos perdido o ônibus” ou “Maria ignora termos estado doentes”

No segundo grupo, estão os verbos que admitem infinitivo flexionado apenas se a oração subordinada for introduzida por uma preposição, como “Nós queremos um visto para entrarmos no país” ou “A Maria ajudou eles a fazerem a pesquisa”.

No terceiro grupo, aparecem os verbos que admitem infinitivo flexionado apenas se a oração for introduzida por uma preposição, como “Eles viram o desastre sem fazerem nada”, ou se houver um candidato possível a sujeito da oração subordinada, como “Vi os cavalos correrem”, “Ouvimos os meninos gritarem” ou ainda “Senti meus olhos arderem”.

É importante salientar que o próprio Perini afirma ser sua análise meramente descritiva, pois ele pretende fornecer um retrato da situação tal como se apresenta na superfície, sem chegar a uma explicação integrada do processo dentro do sistema geral da sintaxe da língua. Para isso, deveremos, diz o linguista, esperar até que se atinja uma compreensão melhor do fenômeno.

Na verdade, as análises de Perini e de Figueiredo Silva, embora muito elucidativas sobre as características do infinitivo flexionado no português brasileiro, parecem não ser capazes de explicar um conjunto de dados identificado de forma preliminar em redações produzidas por candidatos ao vestibular da UFPEl. Dentre esses fenômenos, podemos citar os seguintes:

“Iremos agora refletirmos sobre os vários tipos de violência que ocorrem nas escolas e, a qual muitas vezes passam despercebidas ao (sic) olhos dos educadores.”

“... muitas vezes crianças pequenas de escolinhas infantis dizem aos pais que gostariam de serem brancos quando se tornarem adultos...”

Nas frases acima, há infinitivos flexionados que não são previstos na análise de Figueiredo Silva tampouco na análise de Perini. No primeiro caso, temos o infinitivo flexionado “refletirmos” acompanhando o verbo **ir**, o qual, segundo Figueiredo Silva, não aceita nem sujeito lexical nem infinitivo flexionado na frase encaixada. No segundo caso, há o infinitivo flexionado “serem”, o qual possui o mesmo sujeito do verbo “gostariam” e exatamente por isso não deveria ser flexionado, de acordo com as gramáticas normativas.

Concluimos, portanto, que há a necessidade de maiores investigações sobre o comportamento do infinitivo flexionado presente em orações

subordinadas e, além disso, o *corpus* da pesquisa, por apresentar textos produzidos em situação de uso extremamente monitorado de linguagem, poderá fornecer dados muito pertinentes.

2. METODOLOGIA

Estamos fazendo inicialmente uma revisão bibliográfica sobre o assunto, a qual toma por base trabalhos realizados por importantes sintaticistas. Em seguida, analisaremos um *corpus* com duzentas redações produzidas por candidatos ao vestibular de verão/2007 da UFPel. Nessa análise, observaremos os contextos em que aparecem os verbos infinitivos, a fim de identificar propriedades linguísticas capazes de favorecer e de coibir o emprego do infinitivo flexionado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em uma análise preliminar dos textos, encontramos uma estrutura sintática que tende a favorecer a ocorrência do infinitivo flexionado na língua portuguesa brasileira e que não havia sido discutida na bibliografia analisada. Como observamos, há infinitivos flexionados encaixados não em verbos, mas sim em nomes.

Considerando os preceitos da gramática tradicional, quando o infinito é regido de preposição e funciona como complemento de um substantivo, adjetivo ou verbo da oração anterior não deve sofrer flexão. Portanto estão corretas as formas a seguir:

- ← Foram obrigados a ficar.
- ← Acusaram-nos de praticar atos suspeitos.
- ← Eu os convenci a aceitar.
- ← Estão dispostos a colaborar.

O trabalho na pesquisa em questão permitiu-nos identificar, entretanto, frases como as mencionadas abaixo.

- (i) “...principal consequência para o futuro o peso de carregarem dentre de si o cargo de adulto inseguros...”
- (ii) “...os pais têm medo de mandarem os filhos...”
- (iii) “...os responsáveis por manterem a ordem...”
- (iv) “...difíceis de serem notados...”
- (v) “... em adultos impossibilitados de desenvolverem trabalhos...”

Os dados acima parecem apontar para uma importante propriedade da gramática natural dos falantes de português brasileiro: a necessidade de explicitar um sujeito para todo e qualquer verbo, mesmo quando este tem propriedades nominais, como o infinitivo dos exemplos sublinhados, o qual atua como complemento dos nomes.

Devemos notar que essa explicação também parece ser apropriada para os seguintes casos já mencionados “Iremos agora refletirmos sobre os vários tipos de violência que ocorrem nas escolas e, a qual muitas vezes passam despercebidas ao (sic) olhos dos educadores” e “... muitas vezes crianças pequenas de escolinhas infantis dizem aos pais que gostariam de serem brancos quando se tornarem adultos...”. A gramática natural do falante entende que, devido à simplificação do paradigma verbal, se há um verbo, há a necessidade de explicitar um sujeito para ele.

Segundo Bagno (2002), o português brasileiro está se transformando em uma língua em que a explicitação do sujeito se torna cada vez mais exigida, num processo que caminha (ao que tudo indica) rumo à obrigatoriedade dessa presença. Cada vez mais os verbos aparecem acompanhados de seu sujeito.

Assim, na sintaxe brasileira, aumenta progressivamente a tendência a não deixar nenhum verbo sozinho, desacompanhado de seu sujeito, mesmo quando esse verbo é um infinitivo tradicionalmente classificado de impessoal.

Os brasileiros parecem, portanto, buscar dentro das frases um possível sujeito para o infinito, fazendo-o concordar em número e pessoa com esse constituinte.

4. CONCLUSÕES

A tentativa de descrever e explicar o conhecimento de linguagem internalizado pelos candidatos ao vestibular é de fundamental importância para que a universidade possa oferecer futuramente à comunidade escolar um retrato do conhecimento linguístico de seus alunos, bem como fundamentação teórica que lhe permita compreender tal conhecimento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGNO, Marcos. **Português ou Brasileiro? Um convite à pesquisa**. São Paulo: Ática, 2002.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.
- FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina. **A posição Sujeito no Português Brasileiro**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- PERINI, Mário. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 2006.
- PERINI, Mário. **Gramática do infinitivo português**. Petrópolis: Vozes, 1977.
- RYAN, Maria Aparecida. **Conjugação dos verbos em português – prático e eficiente**. São Paulo: Ática, 1995.